



Uma análise da imersão em narrativas jornalísticas em redes digitais

Adalton dos Anjos Fonseca

Resumo: Este trabalho tem como objetivo a análise da imersão em narrativas jornalísticas em redes digitais. Parte-se da premissa de que a imersão é uma categoria para o jornalismo e um lugar propício para a investigação da inovação no jornalismo. Faz-se um recorte para a observação da inovação no jornalismo através das mudanças nos valores jornalísticos construídos historicamente. Explora-se a narratologia e a convergência jornalística como aportes teórico-metodológicos na análise empírica de duas reportagens *longform* (UOL TAB) e em vídeo 360º (Vice) sobre refugiados no Brasil. Encontramos elementos de rupturas com relação à objetividade, autonomia e imediaticidade.

Palavras-chave: Imersão no jornalismo, narrativas jornalísticas, inovação no jornalismo, jornalismo em redes digitais

1. Introdução

Tratar do jornalismo imersivo quase sempre remete às narrativas que exploram artefatos tecnológicos, como as câmeras 360º e óculos de realidade virtual, que permitem a reconstrução de mundos digitalmente. Vídeos 360º e reportagens em realidade virtual caracterizam o conceito hegemônico do jornalismo imersivo cunhado em Peña *et al.* (2010), que destaca que a modalidade se refere à “produção de notícias em forma que as pessoas possam ter experiências em primeira pessoa de eventos ou situações descritas nas reportagens”² (p.291, tradução própria³). Está inscrita nas discussões dos autores a ideia de que o jornalismo imersivo só acontece quando

1 Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA), mestre pela mesma instituição. Bolsista CNPq. Membro do GJOL e integrante do Projeto Laboratório de Jornalismo Convergente.

2 “(...) the production of news in a form in which people can gain first-person experiences of the events or situation described in news stories” (PEÑA *et al.*, 2010, p.291).

3 Todas as traduções no artigo são próprias.

um cenário é virtualmente criado e proporciona ao usuário a sensação de que o evento representado é real.

Contudo, a discussão que se pretende fazer no presente artigo, oriunda de nossa pesquisa doutoral, diz respeito a ampliação desta perspectiva de forma que a análise da imersão em narrativas jornalísticas digitais se dê não apenas em formatos que constroem o mundo digitalmente. Esta limitação do ponto de vista tecnológico deixa de fora uma série de características das reportagens convergentes (CANAVILHAS e BACCIN, 2015; FONSECA, 2015; KOLODZY, 2013; GORDON, 2003), do jornalismo em base de dados (BARBOSA e TORRES, 2013; BARBOSA, 2007) e até do jornalismo literário (GENRO FILHO, 1987) que contextualizam e aprofundam a informação e são capazes de transportar o leitor/usuário para outra experiência de espaço-tempo – aspecto que caracteriza a metáfora da imersão (RYAN, 2015; GRAU, 2003). Nossa premissa é a de que a imersão é uma categoria central para o jornalismo que guia modos de produção, estratégias narrativas, design de produtos, interações e parcerias entre jornalistas, fontes e usuários; bem como a exploração de novas tecnologias e inovações no jornalismo.

Este trabalho promoverá uma análise da imersão no jornalismo, por meio da observação de duas reportagens em plataformas digitais, explorando como procedimentos metodológicos preceitos na narratologia, com o apoio de autores como Motta, 2005; Motta, Costa e Lima (2004), Resende (2009), Ricoeur (1994), Genette (1993) e o conceito de convergência jornalística. As reportagens estão circunscritas no tema dos refugiados e foram publicadas na Vice⁴ em 2017, em vídeo 360°, e no UOL TAB⁵ em 2016, em uma reportagem *longform*⁶. O objetivo do levantamento das estratégias narrativas dos agentes criativos (repórteres, editores, designers, programadores, entre outros) destes produtos para mimetizar a história destas vítimas é

⁴ VICE 360: Refugiados em São Paulo. Disponível em: https://www.vice.com/pt_br/article/zmemgy/vice-360-refugiados-em-sao-paulo Acesso em: 18.07.2017.

⁵ TAB: Vida de refugiados. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/refugiados/> Acesso em: 18.07.2017

⁶ Longhi (2015) aponta uma diferenciação entre a grande reportagem multimídia (GRM) e o *longform*, que é uma consolidação da GRM, uma vez que incorporaria características tecnológicas (HTML5) para uma melhor composição entre as narrativas, o design e a navegação. Entre um dos principais exemplos está a reportagem do *The New York Times* de 2012 intitulada *Snowfall*.

<www.nytimes.com/projects/2012/snow-fall> A pesquisadora se inspira na definição de *longform* de jornalista Mary Clare Fischer.

identificar pontos de continuidade e ruptura nos valores construídos pelo campo jornalístico derivados da dinâmica da imersão.

2. Breve discussão sobre a imersão no jornalismo

Da imersão no jornalismo ao jornalismo imersivo existe diferenças que vão além de um jogo de palavras. O jornalismo imersivo é um conceito criado por Peña et al. (2010) com o objetivo de definir uma forma de narrativa que conecta “audiência”, segundo os próprio autores, e as reportagens imersivas. Apesar de recente, diversos autores vão seguir esta perspectiva da relação entre a imersão e o jornalismo cuja tecnologia é o ponto chave de observação (CORDEIRO e COSTA, 2016; FERNANDEZ E GUTIÉRREZ, 2016; ARONSON-RATH *et al.* 2015; DOMÍNGUEZ, 2015; FRANKLIN, 2015; PINHEIRO *et al.* 2014; e MEDEIROS, 2014). Em Domínguez (2017; 2015), há o reconhecimento de que é possível falar de imersão no jornalismo a partir das dinâmicas da produção e em narrativas além da realidade virtual e aumentada. Contudo, o foco da observação continua sendo os produtos que reconstróem o mundo digitalmente, oferecem novas experiências corporais e demandam agenciamentos por parte do usuário.

O enfoque proposto neste trabalho, da imersão no jornalismo, é voltarmos para o conceito de imersão e percebermos que é possível que o usuário passe por experiências correlatas ou até mais profundas em narrativas jornalísticas cujo mundo é reconstruído através de formatos estáticos, multimídia e dinâmicos (texto escrito, imagens, vídeos, animações e infográficos interativos, por exemplo). O objetivo não é desconsiderar a inovação das narrativas imersivas conceituadas por Peña *et al.* (2010), mas compreender que as estratégias para a imersão perpassam por diversos formatos e até guiam a adoção de novas técnicas e tecnologias na práxis jornalística.

A metáfora da “imersão” significa o mergulho em um outro mundo através de um meio (MURRAY, 2003). Ryan (2015) faz uma reflexão sobre a imersão tendo como contraponto a experiência de leitura. Para a autora, o ato de embarcar em uma viagem por meio do texto significa que o leitor se propôs a construir imaginativamente por meio da linguagem uma representação sobre algo que foi vivido. Ryan

(2015) e Murray (2003) ressaltam que este processo de abstração sempre será incompleto, já que demanda modelos cognitivos, mecanismos inferenciais, experiências, cultura e bagagens de outros textos.

Assim como os estudos literários fornecem importantes conceitos sobre a imersão – como os níveis de absorção, o papel da linguagem e as variações espaciais, temporais e locais – as artes e os jogos também trazem contribuições. Grau (2003) defende que a imersão demanda absorção mental e resulta em um processo, mudança e passagem de um estado mental a outro. As contribuições de Grau fazem emergir temas como a ilusão, discutida na psicologia, na estética da recepção e nos estudos ficcionais. Nos games, Brown e Carns (2004) tentam qualificar os níveis de imersão baseados em dinâmicas de envolvimento; são elas: engajamento, absorção e imersão total.

A sensação de presença é importante para caracterização das narrativas jornalísticas imersivas descritas em trabalhos como Fernandez e Gutiérrez (2016), Aronson-Rath *et al.* (2015) e Penã *et al.* (2010). Ela se refere à sensação de um sujeito estar em outro ambiente e se associa de alguma forma a aspectos que marcam a origem e trajetória da atividade jornalística, como veremos no próximo tópico com Schudson (2003) e Neveu (2003), por exemplo, que ressaltam esta função do jornalismo em compartilhar símbolos, significados e acontecimentos da vida social para quem não pôde testemunhá-los.

3. Narrativas jornalísticas como reconstrutoras do mundo

Ao narrar o presente, o jornalismo é uma atividade que possibilita a sociedade conhecer os acontecimentos do seu interior (CARVALHO, 2012 e GENRO FILHO, 1987). Para Kunczik (2002), o principal papel do jornalista em democracias é facilitar a comunicação entre diferentes grupos combinando critérios para detecção, avaliação e difusão das notícias e entendendo suas funções de expressão de opinião, controle da atividade política, entretenimento, entre outras.

O discurso jornalístico deve ser compreendido como algo permeado de sentido e as notícias são produtos culturais que “narram os dramas e tragédias da vida humana, os conflitos, as lutas, as utopias (...)” (MOTTA, COSTA E LIMA, 2004, p.34), como a situação dos refugiados, tema das reportagens que serão analisados neste artigo. Ainda segundo os autores, para narrar o cotidiano, os jornalistas convocam elementos do imaginário, memória cultural coletiva e os fatos. A perspectiva está em consonância com as reflexões de Ricoeur (1994) sobre o narrar, definido pelo autor francês como “a composição de intrigas” ou articulação de fatos. A hipótese de trabalho dele é a de que entre o narrar e o caráter temporal da experiência humana existe uma correlação cultural.

Ao explorar a proposta de Ricoeur, Leal (2013) parte para uma perspectiva mais crítica em torno da narrativa jornalística, tão artificialmente estabilizada ao longo da trajetória do campo. Um primeiro ponto levantado pelo autor diz respeito ao fato de que a narrativa nos constitui enquanto seres humanos e dá sentido ao mundo. Ricoeur (1994) faz este tipo de reflexão ao destacar que os acontecimentos só tomam forma quando são configurados em formato de narrativa e passam a poder se deslocar no espaço-tempo. O tempo, aliás, é um elemento fundamental no ato de narrar, para o autor francês, porque ele pode ser recuperado ou projetado através da narrativa.

A cisão entre as narrativas ficcionais e não-ficcionais é outro tópico que precisa ser ressaltado para a caracterização deste discurso jornalístico. Historicamente, a narrativa jornalística construiu sua retórica com base na negação ou afastamento de elementos ficcionais. Em Schudson (2003), as notícias aparecem como uma forma de disseminação de informações de interesse público relevantes para a construção de uma opinião pública, são fundamentadas no real e passam por procedimentos convencionais de verificação baseadas em conceitos como a objetividade. Este conceito é desenvolvido como uma estratégia para profissionalizar a produção de notícias no início do século XX e conquistar credibilidade através de preceitos da ciência.

Em Neveu (2003), fica ainda mais clara a necessidade do jornalismo confirmar seu vínculo com o real através da descrição histórica que ele faz dos rituais e técnicas jornalísticas. A ida à delegacia e à prefeitura em busca da coleta de fatos no século XIX na França, a construção da ideologia do jornalista como mediador do mundo, as regras baseadas na objetividade, a separação do fato do comentário são alguns destes elementos. Mas, todo o processo jornalístico, apesar de permeado de prescrições, está constantemente em crise. Um exemplo disto é que já se reconhece que o jornalista participa de forma ativa, junto com o meio de comunicação ao qual faz parte de um processo de construção social ao reordenar, redefinir e reconstruir a realidade baseado em posições ideológicas, econômicas e sociais. “A produção noticiosa é associada à obtenção de um consenso orgânico relacionado com a hegemonia dos grupos dominantes” (CORREIA, 2012, p.86).

A análise empreendida neste trabalho no sentido de identificar as rupturas no jornalismo a partir da exploração de estratégias para a imersão na narrativa terá como contraponto os valores historicamente construídos no campo. Entre os destacados por autores como Gutmann (2013), Groth (2011), Gomes (2007), Deuze (2005), Franciscato (2003) e Genro Filho (1987), além de alguns dos termos mais recorrentes em Códigos Deontológicos de 30 países⁷ destacaremos na análise: objetividade, autonomia, serviço público e imediaticidade.

4. Análise da imersão em narrativas jornalísticas em redes digitais

A narratologia, “ramo das ciências humanas que estuda os sistemas narrativos no seio das sociedades” (MOTTA, 2005), é convocada neste trabalho com o objetivo de nos auxiliar na identificação de procedimentos para a análise dos discursos narrativos construídos de modo estratégico pelos agentes produtivos que potencializam a

⁷ Os Códigos foram decodificados e compilados em um *e-book* pelo Observatório da Ética Jornalística (*objETHOS*), realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. CHRISTOFOLETI, Rogério e MAFRA, Isadora (Orgs.) Coleção *objETHOS* de Códigos Deontológicos 1. UFSC. 2012. Disponível em: <https://objethos.files.wordpress.com/2012/09/coleccca7acc83o-objethos-de-cocc81digos-deontolocc81gicos.pdf> Acesso em 25/04/2017

imersão. Além da proposta de Motta (2005), a tipologia de Genette (1993) e a tríplice mimese de Ricoeur (1994) também serão acessados. Por se tratar de um recorte voltado para a produção noticiosa em redes digitais, esta área de pesquisas também será recorrida em torno do conceito de convergência jornalística (FONSECA, 2015; KORMELINK e MEIJER, 2014; KOLODZY, 2013; SILVA, 2013; GARCÍA, SALAVERRÍA e MASIP. 2008; QUINN, 2005; GORDON, 2003).

Motta (2005) apresenta os procedimentos de uma análise pragmática da narrativa jornalística, que permite a investigação de um conjunto de notícias sobre um tema ao longo do dia. A observação do contexto é primeira recomendação para o analista dada pelo autor, seguindo uma das premissas da tríplice mimese de Ricoeur (1994), na mimese I (pré-figuração). Este movimento auxilia na recomposição da intriga. É preciso recompor todo o enredo da história e sintetizá-lo. Carvalho (2012) tenta decifrar esta tarefa de pré-figuração como aquela que consiste em tentar entender o mundo social em complexidade.

A pré-compreensão da tessitura da intriga, ou a mimese I de Ricoeur (1994), que compõe o drama dos refugiados, tema das reportagens analisadas no presente trabalho, requer uma busca por relatos e outros conteúdos jornalísticos sobre a realidade destes personagens. A Guerra da Síria é um dos principais elementos que compõe esta trama que preexiste à narrativa configurada pelos agentes produtivos da Vice Brasil e do UOL TAB. Iniciado em 2011, o conflito entre o governo sírio, mais especificamente os combatentes à favor do presidente Bashar Al-Assad, e os rebeldes locais e terroristas já matou quase 500 mil pessoas e causou o êxodo de cerca de 5 milhões de pessoas no país de acordo com a Organização das Nações Unidas. Outros países também interferiram nas batalhas na região, como EUA, Arábia Saudita, Irã, Rússia e Turquia apoiando lados diferentes na Síria, o que tornou a solução da guerra algo ainda mais complicado.

Ao chegar ao Brasil, os refugiados precisam enfrentar novas batalhas. A barreira do idioma, a espera pelo pedido de permissão de entrada e residência, a busca por emprego em um país que vive uma grave crise econômica e de abrigo são apenas al-

gumas dificuldades que eles encontram ao desembarcar. De modo bem sintético, são estes aspectos que estão por trás da configuração da narrativa realizada pelos agentes produtos da Vice e do UOL TAB nas reportagens sobre os refugiados.

O segundo e terceiro movimentos indicados por Motta (2005) estão relacionados à identificação de conflitos ou das ações que dão vida à narrativa e seus personagens. As estratégias comunicativas, quarto movimento, se referem à voz de quem narra. No jornalismo, para forjar um efeito de real, (DALMONTE, 2008) ou a ilusão da mimese (GENETTE, 1993), a retórica da objetividade é convocada e o narrador assume com mais frequência o papel de heterodiegético, ou como explica Genette, ele emula uma ausência na história, mesmo tendo a construído. Pela análise de Ricoeur (1994), que apresenta uma reflexão mais geral sobre as narrativas, é possível aproximar este momento que o analista precisa desvendar os recursos usados na narrativa descrito por Motta (2005) da mimese II ou configuração. Esta etapa está relacionada à emergência da ficção – aqui pensada não no sentido do oposto do real e sim como “a configuração de uma narrativa”.

Na mimese II, um importante ponto de observação é o lugar de onde parte a configuração das narrativas. A Vice Brasil faz parte do conglomerado *Vice Media* (1994), que tem como perfil editorial uma linguagem e conteúdos voltados ao público jovem, com foco em temáticas como sexo e drogas e exploração do jornalismo gonzo. As produções circulam nas plataformas digitais, principalmente, mas a televisão também tem sido explorada pelo veículo. O UOL TAB (2014) é um produto especial do portal UOL, pertencente ao Grupo Folha, que é considerado inovador por conta de um formato cujo o objetivo é explorar o conteúdo jornalístico para ampliar a receita da empresa. Nativo da internet, o UOL TAB está destinado a produção de grandes reportagens multimídia, com narrativas mais aprofundadas, linguagem leve, estética visual individual, uso de recursos literários, interativos e convergentes que vão ao ar todas as segundas-feiras (VENTURA e ITO, 2017).

Nas duas reportagens, foi possível observar uma série de estratégias narrativas que ajudam a compor o potencial de imersão das histórias e que apresentam inova-

ções quanto aos valores jornalísticos. Pela forma como a intriga é remontada, já é possível pontuar diferentes decisões dos agentes criativos que podem ser relacionados à questão da objetividade. No UOL TAB, foi dada voz a doze personagens refugiados, três fontes oficiais e um especialista. Tuchman (1972) defende que um dos três marcadores da objetividade é a prioridade às fontes oficiais, com autoridade. Na prática, observamos que, de modo geral, as reportagens e matérias na imprensa tradicional costumam seguir este princípio, que funciona como uma forma de promover a separação entre repórter e a intriga, de seguir o princípio da neutralidade e imparcialidade. Contudo, a escolha por dar uma maior ênfase ao drama dos refugiados dando-lhes um protagonismo no texto revela uma mudança em relação ao valor da objetividade. Na reportagem da Vice, pelo formato em vídeo 360º, a questão da objetividade é trabalhada pelo recurso da ilusão da presença do usuário no ambiente. São apenas duas fontes humanas ouvidas, um casal de refugiados, que conversa com a repórter, uma narradora homodiegética não-protagonista (GENETTE, 1993), ou seja, ela participa da narrativa, aparece bastante próxima as suas fontes, mas não é personagem principal.

Quanto aos conflitos, ambas as reportagens se dedicam a mostrar as dificuldades da vida de um refugiado de modo humanizado, sendo que a reportagem *longform* do UOL TAB traz detalhes mais aprofundados pela variedade de fontes humanas, além de dados que compuseram infográficos interativos e estão ligados a este contexto de convergência jornalística (FONSECA, 2015; KOLODZY, 2013 e QUINN, 2005). Os personagens são apresentados como vítimas e relatam suas histórias de fuga da guerra. Na reportagem em vídeo 360º, o casal de sírios aparece na rotina de trabalho e em ambientes, como no Mercado Municipal de São Paulo, que justifiquem o uso deste recurso imersivo. Na publicação do UOL TAB, o vídeo e a própria reportagem utilizam imagens de arquivo para ilustrar o horror dos conflitos que os refugiados enfrentaram em seus países de origem.

Do ponto de vista da ordenação das narrativas, a prolepse de Genette (1993) continuou sendo observada nas reportagens e está em consonância com códigos estabilizados na prática jornalística ao longo dos anos. A prolepse se refere a antecipa-

ção do acontecimento pelo discurso, típico do recurso do lide na abertura do texto jornalístico (GENRO FILHO, 1987). A duração e a frequência da narrativa também não apresentaram rupturas. O sumário, a elipse e a singularidade da ação das narrativas foram aspectos observados nas duas publicações.

A voz é outra característica importante para a observação. No caso da Vice, a narrativa pura, com predominância da primeira pessoa foi notada, já que a narrativa foi conduzida a partir do relato dos refugiados. A repórter fez uma abertura, com muitos elementos semelhantes à passagem no telejornalismo (grosso modo, momento em que o repórter aparece na imagem), aparece em outros trechos apresentando ambientes específicos como a casa e a rotina de trabalho deles, e conduzindo a entrevista com as fontes.

O penúltimo movimento listado por Motta (2005) em sua análise pragmática da narrativa destaca a relação comunicativa ou o “contrato cognitivo”. Ou seja, é o momento de negociação, tensão e conexão das histórias pelo leitor. É o lugar onde a imersão acontece e prossegue no último movimento, intitulado metanarrativas, quando significados de fundo moral ou ético aparecem. Na mimese III de Ricoeur (1994, p.110), é quando há o encontro entre o “mundo do texto” e o “mundo do ouvinte ou leitor” e a narrativa é reconfigurada. Pelo recorte empreendido no presente trabalho, não avançaremos neste sentido, uma vez que isto exigiria a execução de novas estratégias metodológicas que envolvessem os usuários.

4.1. Continuidades e rupturas das narrativas jornalísticas sobre refugiados

Tratar da inovação no jornalismo é um desafio na medida em que o campo precisa lidar com modificações de ordem tecnológicas, econômicas, políticas, organizacionais e culturais, que vão repercutir em todas as etapas do processo de produção, bem como na interação com os agentes envolvidos. Neste sentido, lidamos com uma perspectiva que sugere uma abordagem multidimensional deste conceito como apontam Bertocchi (2017), Palacios *et al.* (2014) e Machado (2010). Em Fonseca (2015), a definição da inovação no jornalismo aparece como:

(...) um fenômeno de múltiplas dimensões, que envolve a relação mútua entre tecnologia, economia, cultura, política, dinâmicas organizacionais e sociedade em um determinado contexto, a fim de renovar/criar novos produtos/serviços ou novas formas de produção e interações. Esta ação é processual, negociável e demanda mudanças em todas as etapas. É preciso atender aos perfis de consumidores contemporâneos e permitir novas experiências através da exploração dos recursos tecnológicos disponíveis (FONSECA, 2015, p.68).

Mais do que analisar a inovação do ponto de vista crítico e identificar apenas aspectos de ruptura, é preciso compreender este conceito como um híbrido entre continuidades e novidades que reconfiguram o campo. Neste sentido, buscamos investigar nas estratégias das narrativas jornalísticas que potencializam a imersão elementos de continuidade e rupturas com relação aos seguintes valores jornalísticos: objetividade, serviço público, autonomia e imediaticidade.

- a) **Objetividade:** Entre as continuidades observadas, na reportagem do UOL TAB, percebemos a manutenção do lead - um dos compositores da ideologia jornalística que se contrapõe à subjetividade, como aponta Genro Filho (1987). Além disso, na reportagem *longform*, a narrativa foi heterodiegética, com narrador em terceira pessoa forjando um distanciamento da intriga. Quanto ao vídeo 360º da Vice, foi identificada a recorrência ao argumento de que a nova tecnologia permite uma maior objetividade na mediação do real porque não há um enquadramento comandado pelo repórter. Mas, por conta de decisões como o momento de ligar e desligar a câmera e a posição dela no ambiente ainda convém entender este processo como o de construção social da realidade (CORREIA, 2012 e VIZEU, 2004). Sobre as rupturas, percebemos que as peças priorizaram uma abordagem em que recorriam a fontes não-oficiais, ou seja, entraram em tensão com a recomendação de se priorizar fontes oficiais e com autoridade, como indica Tuchman (1972). Outro aspecto foi a exploração em alguns momentos de uma narrativa dialogada pelas duas reportagens. Na Vice, a repórter conversa com suas fontes no sofá da casa e o usuário está inserido naquele ambiente como uma testemunha. No UOL TAB, o narrador interrompe sua estratégia de distanciamento no texto escrito, ao abdicar momentaneamente da terceira pessoa, para

pedir que o leitor se imagine no lugar dos refugiados em várias situações reais. O recurso pode ser visto como um incentivo à imersão do usuário na intriga.

- b) Serviço Público: Em ambas as reportagens, o ideal do jornalismo como prestador de um serviço público e defensor dos direitos do cidadão contra os poderes públicos e setor privados foi reforçado. As abordagens ainda estão alinhadas com a perspectiva da defesa dos direitos humanos, ao denunciar a situação dos refugiados no Brasil.
- c) Autonomia: Duas rupturas foram identificadas a partir da observação das reportagens. A primeira delas diz respeito ao compartilhamento das decisões sobre a narrativa com uma equipe jornalística complexa que é demandada para a produção de conteúdos convergentes (SILVA, 2013). Antes, recomendava-se que o repórter tivesse autonomia com relação ao editor (DEUZE, 2005), agora, em uma reportagem como a do UOL TAB, as decisões são partilhadas entre a equipe multidisciplinar – formada por repórter, editor, fotojornalista, designer, profissionais do audiovisual e infografistas, por exemplo. Na Vice foram 21 profissionais distribuídos em dezessete cargos, entre eles: produtores, engenheiro de áudio, apresentadora, especialista em realidade virtual e na captura de áudio, editor supervisores, entre outros.
- d) Imediaticidade: O vínculo com o presente foi uma das marcas de continuidade nas reportagens analisadas e esta característica está alinhada com discussões em trabalhos como Motta, Costa e Lima (2012), Groth (2011) e Franciscato (2003). Quanto às rupturas, verificamos mudanças com relação à periodicidade destes produtos. Deuze (2005), ao identificar mudanças neste valor da imediaticidade a partir da exploração das plataformas digitais pelo jornalismo, apontava a quebra da periodicidade por conta da atualização em tempo real dos portais de notícias. Contudo, a velocidade da informação não é um valor para as produções analisadas. Este aspecto não se manifesta nem na produção – a repórter do UOL TAB teve um mês apenas para a fase de apuração junto aos refugiados – nem na interação da peça com o usuário, que precisa de um tempo mais alargado para usu-

fruir da narrativa que possui 22 mil caracteres, infográficos, fotos e um vídeo de seis minutos. Outra característica ainda mais importante é que a reportagem *longform*, na verdade, ressuscitou a periodicidade da forma que o jornalismo descrito por Groth (2011) definiu, ao ser publicada em um dia fixo, sempre às segundas-feiras. A seção Vice 360 tem periodicidade mensal.

5. Considerações finais

Este trabalho é um esforço inicial em busca de entender a imersão como elementos central para a práxis jornalística e como motivação para a implementação de inovações nas etapas do processo jornalístico. Neste sentido, propomos um olhar mais amplo do que a perspectiva do jornalismo imersivo, que restringe seus objetos aqueles que constroem mundos digitalmente (realidades virtual e aumentada e newsgames), já que entendemos que formatos narrativos estáticos, audiovisuais e dinâmicos (infográficos interativos) também promovem sensações correlatas ao conceito de imersão.

A estratégia de utilizar os valores jornalísticos como ponto de comparação para identificação das mudanças foi positiva, na medida em que permite escapar de uma análise baseada apenas nas transformações tecnológicas. Encontramos como pontos de ruptura a priorização de fontes não-oficiais e uma aproximação do repórter a um dos lados da história; a autonomia compartilhada do repórter com uma equipe multidisciplinar e, no processo de mimese III, com os usuários; e crise da velocidade como um valor para produção e interação com estas reportagens em redes digitais com maiores elementos para a imersão, bem como o retorno da periodicidade definida da proposta do UOL TAB, que resgata um hábito dos jornais impressos.

Nossa pesquisa tenta avançar no sentido de buscar novos processos de rupturas e valores jornalísticos ligados à imersão que emergiram no contexto da produção jornalística em redes digitais. Esta tarefa, todavia, exige a convocação de outros procedimentos metodológicos e a diversificação do *corpus* de análise.

Referências

ARONSON-RATH, Raney; MILWARD, James; OWEN, Taylor e PITT, Fergus. Virtual Reality Journalism. **Tow Center for Digital Journalism**. doi:10.1002/ejoc.201200111. 2015.

BARBOSA, S **Jornalismo digital em base de dados (JDBD) – um paradigma para produtos jornalísticos digitais dinâmicos**. 2007. 331 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporânea) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

BARBOSA, S.; TORRES, V. O paradigma “Jornalismo Digital em Base de Dados”: modos de narrar, formatos e visualização para conteúdos. **Galaxia**, p. 152-164, 2013.

BERTOCCHI, D. Startups de jornalismo: desafios e possibilidades de inovação. **Revista Contemporânea**, v.15, n.01. p. 101-117.

BROWN, Emily; CAIRNS, Paul. A grounded investigation of game immersion. In: **CHI'04 extended abstracts on Human factors in computing systems**. ACM, 2004. p. 1297-1300.

CANAVILHAS, J. e BACCIN, A. Contextualização de reportagens hipermídia: narrativa e imersão. **Brazilian Journalism Research (BJR)** - Volume 1 - Número 1. p. 10-27 2015. Acesso em: 22 de setembro de 2015. Disponível em: <http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/716/616>

CARVALHO, Carlos Alberto. Entendendo as narrativas jornalísticas a partir da tríplice mimese proposta por Paul Ricouer. **Matrizes**, v. 6, n. 1-2, p. 169-188, 2012.

CORDEIRO, William Robson; COSTA, Luciano. Jornalismo imersivo: perspectivas para os novos formatos. **Leituras do Jornalismo**, v. 1, n. 6, 2016.

CORREIA, João Carlos. A construção social da realidade e o jornalismo como profissão especializada. **Pesquisa em Media e Jornalismo**, p. 80, 2012.

DALMONTE, Edson Fernando. Efeito De Real E Jornalismo: Imagem, Técnica E Processos De Significação. **Sessões do Imaginário**, v. 13, n. 20, 2008.

DEUZE, Mark. What is journalism? Professional identity and ideology of journalists reconsidered. **Journalism**, London, v. 6, n. 4, p.442-464, 2005.

DOMINGUEZ, Eva. Going beyond the classic news narrative convention: the background to and challenges of immersion in journalism. **Frontiers in Digital Humanities**, v. 4, p. 10, 2017.

DOMÍNGUEZ, Eva. Periodismo inmersivo o cómo la realidad virtual y el videojuego influyen en la interfaz e interactividad del relato de actualidad. **El profesional de la Información**, v. 24, n. 4, p. 413-423, 2015.

FERNÁNDEZ, María Dolores; GUTIÉRREZ, Jorge. Medios de comunicación impresos y Realidad Aumentada, una asociación con futuro. **Arbor**, v. 192, n. 777, 2016.

FRANCISCATO, C. E. **A atualidade no jornalismo: bases para sua delimitação teórica**. Tese de Doutorado. Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia. 2003.

FONSECA, ADALTON A. **A inovação no jornalismo em revistas para tablets: uma análise a partir das affordances e da convergência de conteúdos jornalísticos**. 257 f. Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea. UFBA, Salvador, 2015.

FRANKLIN, I. **Immersive journalism-Real-Time Interaction with Information**. IN: ZANKOVA, B.; ŠKOLKAY, A.; FRANKLIN, I. Smart Journalism. Mediaframe: Reino Unido, p. 46-54. 2015.

GARCÍA, José Alberto A.; SALAVERRÍA, Ramón; MASIP, Pere. **Convergencia periodística en los medios de comunicación. Propuesta de definición conceptual y operativa**. In: I Congreso de la Asociación Española de Investigadores en Comunicación. 2008.

GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa**. 2. ed. Lisboa: Vega, 1993.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**. Porto Alegre: Tchê, 1987.

GOMES, Itania M. M. **Efeito e recepção: a interpretação do processo receptivo em duas tradições de investigação sobre os media**. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2004.

GORDON, R. **The Meanings and Implications of Convergence**. IN: KAWAMOTO, Kevin (Org.). Digital Journalism: Emerging Media and Changing Horizons of Journalism. Rowman&Littlefield Publishers: Estados Unidos. p. 57-73. 2003.

GRAU, Oliver. **Virtual Art: from illusion to immersion**. MIT press, 2003.

GROTH, Otto. **O poder cultural desconhecido: fundamento da ciência dos jornais**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

GUTMANN, Juliana Freire. **Formas do Telejornal: um estudo das articulações entre valores jornalísticos e linguagem televisiva**. 2012 270 f. Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporânea UFBA. 2013.

KOLODZY, Janet. **Practicing convergence journalism: an introduction to cross-media storytelling**. Nova Iorque: Routledge, 2012.

KORMELINK E MEIJER. Checking, sharing, clicking and linking: Changing patterns of news use between 2004 and 2014. **Digital Journalism**, v. 3, n. 5, p. 664-679, 2015.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de Jornalismo–Norte e Sul**. São Paulo: Edusp, 2002.

LEAL, Bruno Souza. O jornalismo à luz das narrativas: deslocamentos. **Narrativas e poéticas midiáticas: estudos e perspectivas**. São Paulo, Intermeios, p. 25-48, 2013.

LONGHI, Raquel Ritter; WINQUES, Kérley. O lugar do longform no jornalismo online: qualidade versus quantidade e algumas considerações sobre o consumo. **Revista Brazillian Journalism Research**, v. 1, n. 1, p. 110-127, 2015.

MACHADO, E. **Creatividad e innovación en el periodismo digital**. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE CIBERPERIODISMO Y WEB 2.0, 2., 2010, Bilbao. Actas... Bilbao: Universidad del País Vasco, 2010. p. 64-72.

MEDEIROS, Danielle. Newsgames: tecnologia digital para difundir notícias na Internet. In: **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**. v. 12, n. 1. 2014.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise pragmática da narrativa jornalística**. Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom). 2005.

MOTTA, Luiz Gonzaga; COSTA, Gustavo Borges; LIMA, Jorge Augusto. Notícia e construção de sentidos: análise da narrativa jornalística. **Intercom-Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 27, n. 2, 2012.

MURRAY, J. **Hamlet no holodeck o futuro da narrativa no ciberespaço**. Trad. Elissa Khoury. Unesp, 2003.

NEVEU, Érik. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

PALACIOS, M., BARBOSA, S., SILVA, F., e CUNHA, R. Aplicativos jornalísticos vespertinos para tablets. Cartografia do fenômeno ante o desafio de uma produção original e inovadora. **Sur le journalisme About journalism Sobre jornalismo**, v. 3, n. 2, p. 40-55, 2014.

PEÑA, N., WEIL, P., LLOBERA, J., GIANNOPOULOS, E....& SLATER, M. Immersive journalism: immersive virtual reality for the first-person experience of news. **Presence: Teleoperators and Virtual Environments**, v. 19, n. 4, p. 291-301, 2010.

PINHEIRO, C. M. P.; BARTH, M.; FETZNER, M. N. Newsgames e o Papel do Jornalismo na Cultura da Convergência. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, 2014.

QUINN, Stephen. **Convergent Journalism. The fundamental of multimedia reporting**. London: Peter Lang Publishing, 2005.

RESENDE, Fernando. O Jornalismo e suas Narrativas: as Brechas do Discurso e as Possibilidades do Encontro. **Galáxia**, n. 18, 2010.

RIKOEUR, Paul. **Tempo e narrativa. Tomo I**. São Paulo: Papyrus. 1994.

RYAN, Marie-Laure. **Narrative as Virtual Reality 2: Revisiting Immersion and Interactivity in Literature and Electronic Media**. JHU Press, 2015.

SCHUDSON, M. **Sociology of News**. New York: W.W. Norton. 2003.

SILVA, Fernando Firmino da. **Jornalismo móvel digital: o uso das tecnologias móveis digitais e a reconfiguração das rotinas de produção da reportagem de campo**. 2013. 408 f. (Tese Doutorado). Faculdade de Comunicação Social. UFBA. Salvador, 2013.

TUCHMAN, Gaye. Objectivity as strategic ritual: An examination of newsmen's notions of objectivity. **American Journal of sociology**, v. 77, n. 4, p. 660-679, 1972.

VENTURA, M. S. ITO, L. L. Inovação no webjornalismo: dinâmica empresarial, arranjos produtivos e novos formatos. **Revista Contemporânea**, v.15, nº1, p.81-100.,2017

VIZEU, Alfredo. A construção social da realidade e os operadores jornalísticos. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, v. 1, n. 25, 2006.